

empáfia; conhecendo músicos, tornando-os familiares; descobrindo amigos, dora-vante companheiros, chegaria aos setenta anos na absoluta paz dos inconformados. A sua trajetória, na revelação do homem por inteiro, sem mistificação, traz no seu rastro o desalento pelo social a deteriorar-se sem esperanças.

Caminhar, com Gilberto Mendes, nas sendas da *Odisséia Musical*, é ter o privilégio de acompanhar os passos do mais respeitado compositor vivo brasileiro; é conhecer influências não ventiladas até hoje na música erudita e aspectos outros a dimensionarem o descortino que se há de alcançar, necessariamente, dos processos que levam o músico a idealizar, questionar e verter para o papel os seus desígnios criativos.

*José Eduardo Martins*

Pianista e Professor do Depto. de Música – ECA/USP

PESSOTTI, Isaiás. *Aqueles cães malditos de Arquelau*. Rio de Janeiro, Editora 34, 1993. 256p.

Em entrevista recente ao *Jornal da USP*, Isaiás Pessotti, professor de Psicologia na USP de Ribeirão Preto, confessa o quanto a leitura de *O Nome da Rosa*, de Umberto Eco, serviu de impulso a seu mergulho na história de “uma suntuosa propriedade rural de algum nobre de outros tempos”, uma *villa* situada no Piemonte italiano e construída no século XV. De comum entre as histórias de ambos os ficcionistas, para além de todas as diferenças, fica o amor por antiguidades, sustentado por sólida erudição e o gosto pelo mistério e o suspense que, mantido ao longo da trama, vai culminar na decifração do título das obras, chave do enigma. Nos dois casos, o de Eco e o de Pessotti, o fascínio sobre o leitor é o mesmo.

Em 1964, e depois em 1966/67 e 1969/70, Isaiás esteve em Milão, primeiro como estagiário e depois como professor convidado pela Universidade. Remonta certamente a esse tempo o núcleo do enredo, protagonizado por pesquisadores sediados no Instituto Galilei, e o vasto conhecimento da paisagem e da culinária italianas, fundamental para a verossimilhança de um “caso” que acaba sendo de paixão e morte, à Tristão e Isolda. Camuflado na pele do narrador latinista Emilio Donatelli, “veneto de Cordignano, bacharel em Filosofia, uma cátedra de Psicologia, muitos artigos publicados, um livro sobre a ansiedade, sucesso de crítica e fracasso de bilheteria”, Isaiás Pessotti tempera sua tragédia com fina dose de humor, graças aos impulsos meio malucos de um bando de amantes do passado, que transpõem os limites de seus trabalhos individuais – todos voltados para a pesquisa histórica – pelo puro prazer do conhecimento. No desinteresse deles, que leva a extraordinários

“achados”, está o substrato da obra – uma espécie de reverência pelo saber acadêmico tal como o pratica o verdadeiro *scholar*. Ao fim e ao cabo, uma lição de humanismo, e das mais elevadas.

As personagens, todas pertencentes ao Galilei, convivem estreitamente em torno de um ideal comum, dissolvendo no grupo interesses particulares. Vencido o primeiro capítulo, o da “apresentação” dos protagonistas e de seu ramo de atuação, a que não falta inclusive a planta arquitetônica do Galilei, como em *O Nome da Rosa*, Bruno, Túlio, Lorenzo, Isabella, Anna, Beatrice e outros esporádicos dão início ao que eles chamam de “expedição arqueológica”, freqüentes visitas a localidades da região consideradas de valor histórico. No caso, o alvo é a *villa* sob guarda de Dom Attilio, pároco de Madonna della Spina, sobrinho mais novo da velha condessa proprietária da mansão e amigo íntimo de Margherita, que vem a ser tia de Bruno. Aí o elo da cadeia.

O que aguça a curiosidade de todos é o fato de o construtor da suntuosa mansão, pessoa de espírito refinado e posição social preeminente, ter permanecido na posteridade apenas como “o bispo vermelho”, indício de proscrição e/ou de identidade intencionalmente oculta. Usando de todos os recursos que a formação intelectual de cada um permite, visitando livreiros antiquários e não desprezando qualquer pista mais ínfima, num delicioso jogo detetivesco à roda de um alçapão cheio de livros e trancado por “segredo” inviolável, a “turma do Galilei” decifra a charada: o “bispo Lutércio”, nome fictício, é na verdade o Cardeal Ludovico III, homem de imenso saber que viveu na primeira metade do século XV, íntimo de papas e políticos e apaixonado pelo trágico grego Eurípedes, com a reputação manchada por dois “crimes” imperdoáveis então – a apostasia e o adultério. Do primeiro, dá testemunho definitivo a obra de sua autoria *Tractatus de Perversitate Ecclesiastica*, onde o cardeal reverbera severamente contra os desmandos da Igreja, principalmente na caça aos herejes valdenses; do segundo, dois belíssimos vitrais na capela da *villa*, cujas sombras fazem projetar no chão, entrelaçados, um *L* (de Ludovico) e um *V* (de Victoria) – ela, cunhada do cardeal, casada com seu irmão Philipe e retratados em painel por Eugênia, irmã da adúltera. Descoberta pelo marido a traição, o casal é morto dilacerado por seus cães.

Paralela a essa, e nela entrelaçada, corre a história do grego Eurípedes que, como Lutércio, também morreu estraçalhado por “aqueles cães malditos de Arquelau” e também se incompatibilizou com seus contemporâneos, aos quais se adiantou por um aguçado espírito crítico e pela persistência na preservação de certos princípios. Tão primorosamente ajustados estão os dois veios narrativos, o do bispo e o do dramaturgo, ambos conduzidos por irrefreável paixão e fidelidade a si próprios, que o intercurso amoroso entre Anna e o narrador Emílio, no presente da trama, tem qualquer coisa de artificial, de excrescente, como se “montado” apenas para acusar o espelhamento do ocorrido no *quattrocento*. Nesse sentido, a fobia dela aos cães é perfeitamente dispensável.

O deslize, contudo, não desmerece a qualidade do conjunto, construído com a habilidade do policial experimentado em investigações (e, por que não, de pesquisador?), que soube manter até o fim uma expectativa consumada apenas nas últimas páginas do romance, pela "revelação" do título. Se o fantasma de Eco ronda tal estratégia, nem por isso ela é menos fascinante.

Lênia Márcia Mongelli  
Prof. do DLCV/FFLCH/USP.

UNGARETTI, Giuseppe. *Razões de uma Poesia*. Org. Lucia Wataghin. São Paulo, EDUSP/Edit. Imaginário, 1994. (Críticas Poéticas, 2).

Chega em boa hora esta publicação que coincide com os sessenta anos da Universidade de São Paulo. Nela encontrará o leitor, em elegante apresentação gráfica, a tradução de ensaios de um pioneiro desta universidade, mestre da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras: Giuseppe Ungaretti. Aos ensaios somam-se outras páginas do poeta, entre as quais um discurso feito justamente na USP, durante sua última visita ao Brasil em 1967, e traduzido pelo saudoso professor Italo Bettarello.

A organização da obra, as notas ao texto e parte das traduções devem-se a Lucia Wataghin, que se vem dedicando ao estudo de Ungaretti. Alguns dos ensaios aqui reproduzidos compunham sua dissertação de mestrado, segundo esclarece ela própria (p. 17). E o artigo de sua autoria, publicado por esta mesma revista, já havia tratado de aspectos da atuação docente de Ungaretti no Brasil (Fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo: a contribuição dos professores italianos. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 34, 1992. p. 151-173).

Se o trabalho anterior da organizadora já a aproximara de Ungaretti, há que lembrar também outros motivos que podem ter-lhe favorecido o entusiasmo nas pesquisas. Pois a professora Lucia Wataghin está ligada por laços familiares a outro pioneiro da USP, o ilustre físico Gleb Wataghin, homenageado com calorosa evocação de Ungaretti naquele seu discurso (p. 234). Sinal do particular cuidado da organizadora em investigar os tempos em que viveram no Brasil esses grandes mestres italianos é a excelente entrevista que alcançou de Antonio Candido (p. 247-253). Na entrevista, ressaltou a imagem de Ungaretti em animada palestra com alunos brasileiros, imagem que me trouxe à lembrança o velho poeta rodeado de estudantes (entre os quais eu próprio) durante sua estada em São Paulo, pouco antes de morrer.